



## CORPO DE DELITO

# Assim-assim

Hong Kong – local de compromissos, de extremos que convivem, de artificios e contrastes – é um bom local para compreender os Chipres de hoje



Rui Patrício

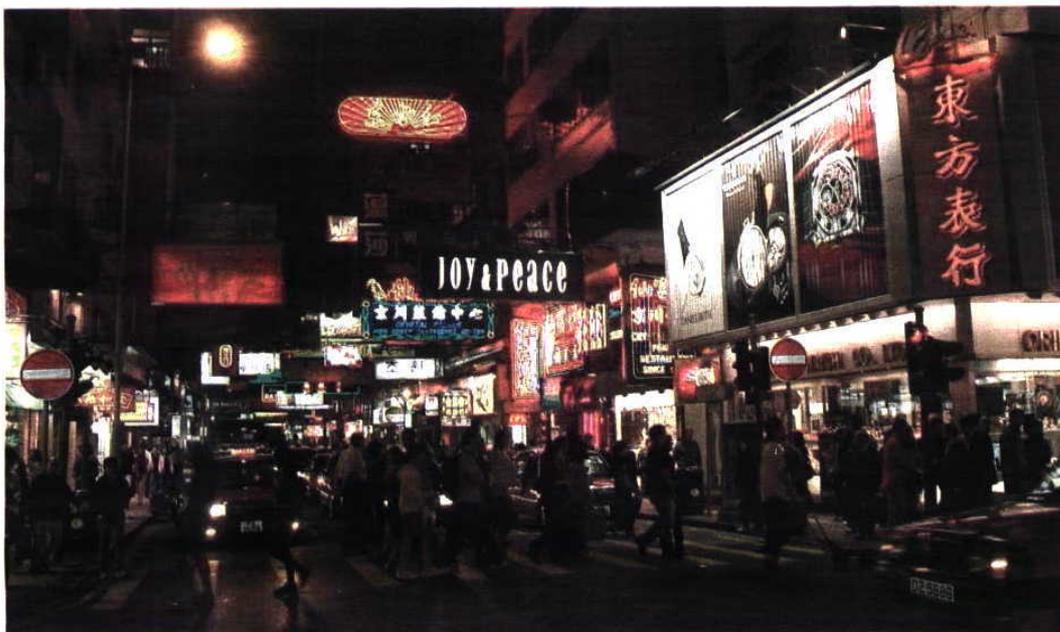
Nos últimos dias de Março, em Hong Kong, não faz calor nem frio, não chove nem está tempo seco, chuvisca; o tempo está assim-assim. Muita coisa aqui é um meio-termo, um compromisso, um meio caminho. Não é bem oriente, mas também não é ocidente. Ou melhor: numas coisas é muito ocidente, por exemplo nalguns pontos de Kowloon ou em Central, com os seus executivos de fatinho-farda e os seus bancos e centros comerciais reluzentes, ou em Lan Kwai Fong à noite, que podia ser Temple Street em Dublin ou o centro de Albufeira; noutras coisas, é muito oriente, como por exemplo no mercado de Gage Street, em especial de manhãzinha, ou nas ruas onde se vende ginseng e ninhos de pássaro. Embora haja outras cidades assim, aqui esse meio-termo, esse assim-assim, esse compromisso e essa

convivência entre opostos são mais marcados. Um território que parece uma cidade, mas que afinal é um arquipélago. Lado a lado, uma das maiores densidades de construção do mundo e vegetação cerrada e montanhas. Em várias partes da cidade, é possível percorrer consideráveis distâncias sem pôr os pés no chão, circulando por passagens superiores infundáveis (ou mesmo escadas rolantes sobre a encosta), que levam de um local a outro, que ligam estações, bancos, centros comerciais, mercados e casas. Andar sem andar, levantar sem levantar. Assim-assim. O cúmulo do artifício, do compromisso, do faz de conta. O porto Victoria, um dos mais importantes do mundo, é mar, mas parece um rio; entre o cais do Star Ferry e a extremidade da península de Kowloon, não é mais largo, mais coisa menos coisa, do que o Tejo em Lisboa. Um porto de mar que engana; assim-assim.

Enquanto chuvisca, em Tsim Sha Tsui, aproveito para almoçar. Já agora, com vista para o outro lado do porto, onde se destaca o edifício do Banco da China, que se quis com o melhor feng shui, embora feng shui em aço e vidro soe estranho, assim-assim. Pei-

to de ganso, arroz e chá de jasmim. Salgado e doce, bom, mas demasiado compromisso para o meu paladar; assim-assim. Na mesa ao lado, três chineses (suponho) almoçam e numa cadeira livre deixaram o jornal do dia (suponho). Escrito em mandarim (suponho), é-me inacessível, excepto uma notícia da primeira página que, além do texto, tem o desenho do mapa de Chipre. É fácil perceber que é sobre a situação nesse país, cujas últimas eu acompanhara dias antes em jornais de línguas mais acessíveis. Uma situação assim-assim, um resgate de compromisso, nem quente, nem frio, nem seco, nem molhado, sem que ande, mas também sem que levite, doce e salgado, indo a pouco e pouco, crescendo, entrando, nem ocidente, nem oriente. Hong Kong – local de compromissos, de extremos que convivem, de artificios e contrastes – é um bom local para compreender os Chipres de hoje. E para recordar a velhinha guerra do ópio, na qual Hong Kong e a abertura de portos chineses foram os prémios dos Ingleses. Foram entrando e ficando, até que, século e meio depois, saíram. Mas saíram ficando. Sairam assim-assim.

*Advogado. Escreve ao sábado*



Enquanto chuvisca, em Tsim Sha Tsui, aproveito para almoçar